



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELLEN SILVA DE DEUS

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE SOBRE O ENSINO  
RELIGIOSO

BRASÍLIA – DF  
2012



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELLEN SILVA DE DEUS

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA JUVENTUDE SOBRE O ENSINO  
RELIGIOSO

Monografia apresentada à Banca Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob orientação da professora Doutora Maria Zélia Borba Rocha, como requisito parcial e insubstituível para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Zélia Borba Rocha

BRASÍLIA - DF  
2012

Dedico esta conquista aos meus pais, Silvia e Sérgio, à minha querida avó, D. Teresinha, a minha irmã, Kelly, pessoas que amo tanto e com tal zelo.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus que me dá a força para lutar pelos meus sonhos.

A minha família pelo apoio e carinho de todos os dias.

Agradeço a minha orientadora, Maria Zélia pelo exemplo de postura profissional que admiro tanto, por me ajudar na produção desse trabalho e pelas oportunidades de conhecimentos.

Agradeço aos professores da banca examinadora, pela disponibilidade em participar da defesa e pela atenção ao trabalho apresentado.

Agradeço aos apoenas, este grupo muito especial que durante toda a minha trajetória no grupo de pesquisa Rejuges acompanhou-me, meu eterno carinho e amizade, Iara Tavares, Cícera Juliana, Roberto da Silva, Luísa Neri e Taian.

Agradeço as amigas queridas, Priscilla Aguiar e Paula Leon pelos bons momentos vividos dentro e fora da universidade e por todo o apoio durante os momentos difíceis.

Agradeço, ao meu amor, Paulo Rosa pela paciência, apoio e carinho dedicados a mim.

Muito obrigada!

“Na história da civilização, a religião e a moralidade sempre estiveram tão intimamente ligadas que sua necessária dissociação não poderia ser uma operação simples.” (Durkheim, 2011, p 23)

## **MEMORIAL EDUCATIVO**

## Memorial Educativo

Quando se começa o resgate da memória educativa, percebe-se o quanto é um trabalho delicado relembrar os momentos vividos na Universidade. Nasci em 1988, no hospital regional de Sobradinho, mas desde o nascimento fui criada em Planaltina, região administrativa do Distrito Federal. Desde criança, gostava de brincar de escolinha, mesmo sem saber ler e escrever, já brincava de ser professora da minha irmã e de algumas vizinhas.

Ao completar cinco anos, minha mãe matriculou-me em uma escola particular chamada *Castelinho Feliz*, perto da nossa casa. Lembro-me que acordei aproximadamente às 5h da manhã, não sei ao certo o que passou pela minha cabeça, mas levantei, arrumei-me, peguei minha mochila e fui logo chamar minha mãe, mas faltavam ainda duas horas para eu ir à escola. Ela sugeriu que eu descansasse mais um pouco, foi bem engraçado e até hoje nos lembramos disso com boas risadas. Estudei nessa escola por dois anos.

Ao completar sete anos, em 1996, sai da escola *Castelinho Feliz* e fui matriculada no Centro de Ensino Fundamental 02, que chamávamos de “paroquial”, pois era localizada próxima à casa de padres. Frequentei essa escola durante oito anos, fiz amigos, tinha boa relação com os professores. Na 5ª série (atual sexto ano), tive uma professora de Língua Portuguesa que incentivou muito a nossa leitura e escrita com momentos lúdicos e demonstrava a alegria no que fazia.

Depois, no ensino médio, continuei em uma escola pública, os dois primeiros anos estudei pela manhã e já estava fazendo algumas pesquisas sobre os cursos profissionais. No último ano do ensino médio, comecei a trabalhar durante o dia e fiz transferência para o turno noturno. Apesar de alguns momentos complicados pela falta de professores, tentei não perder o foco já que é principalmente nesta fase que surge a preocupação com o vestibular. A necessidade de escolher o curso aumenta. Depois das pesquisas, pensei em Letras ou Pedagogia. No momento de optar no Programa de Avaliação Seriada (PAS) escolhi Letras, mas não obtive pontuação suficiente para ser aprovada. Ao concluir o ensino médio, não prestei vestibular de imediato e fiquei durante seis meses em um cursinho pré-vestibular em Planaltina, preparando-me melhor para novo vestibular.

Só no final de 2007, fiz o vestibular para ingressar no 1º semestre de 2008, na Universidade Estadual de Goiás, *campus* de Formosa-GO para Pedagogia. Ao entrar no mundo acadêmico, fiquei encantada pelo curso e estava decidida que era

aquilo mesmo que queria. Nesse período, fiz um trabalho durante um ano com menores carentes, o que me despertava o interesse de entender, investigar as relações sociais que permeavam aqueles contextos. Mas, em consequência da distância, da dificuldade de locomoção para o *campus* da UEG, resolvi passar pelo processo de transferência facultativa para a Universidade de Brasília e em julho de 2009, ingressei nesta Universidade e fiquei bastante empolgada com essa nova etapa, querendo conhecer seus projetos, disciplinas, as possibilidades de atuação da Pedagogia, e assim, iniciei minha trajetória na Faculdade de Educação.

No primeiro semestre estava ansiosa para conhecer o lugar, as pessoas, os professores. Como vim pelo processo de transferência, não fiz disciplinas com os calouros. Fiz matrícula em disciplinas de diferentes semestres. E acredito que com isso pude aprender logo o sistema da biblioteca, professores e disciplinas. Foi um semestre muito marcante e maravilhoso.

No segundo semestre, matriculei-me em disciplinas que, depois de alguns dias de aula, foram aproveitadas e automaticamente retiradas da minha grade. Acabei ficando apenas com 12 créditos, entre elas, Projeto 2. Foi nele que consegui compreender a função do pedagogo em nossa sociedade perceber o campo de atuação, entender como funciona o curso na Faculdade de Educação. Ainda neste semestre, duas amigas também conseguiram a transferência e passamos a desfrutar, juntas, as disciplinas, os conflitos, as dificuldades, enfim, tudo ou quase tudo que a Universidade tem para oferecer.

No terceiro semestre (2010), vi um cartaz do projeto 3 ofertado pela professora Maria Zélia Borba Rocha com a proposta de formação de pesquisadores em Educação e interessei-me. Resolvi participar da reunião para entender melhor o projeto REJUGES (*Representação Social, Juventude e Gestão da Educação*), gostei do projeto e na semana seguinte fiz a matrícula. Ao longo do semestre, a partir dos estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa fui pensando qual tema tinha interesse pesquisar para a realização da monografia.

No quarto semestre, pensei realizar a pesquisa sobre Representações Sociais da Juventude em relação à religião e comecei a ler, pesquisar sobre o assunto. A partir do quinto pesquisei mais sobre o tema, participei das discussões do grupo, realizei fichamentos das leituras trabalhadas, consegui delimitar melhor o tema até que cheguei às representações sociais dos jovens sobre o ensino religioso.



Durante toda minha trajetória acadêmica sempre tive muita consciência da responsabilidade, da necessidade de realizar o curso com tranquilidade para aproveitar esse passo da vida. Finalizo essa etapa cheia de ânimo, pois foi na Universidade aprendi uma profissão, fiz amigos para toda vida e tive os professores inesquecíveis.

## RESUMO

**Palavras chave:** Representações sociais. Juventude. Ensino Religioso.

Esta monografia é resultado de uma pesquisa na área da educação, no curso de pedagogia da Faculdade de Educação, desenvolvida por meio do grupo *Representações Sociais, Juventude e Gestão da Educação* - REJUGES, na coordenação da professora Doutora Maria Zélia Borba Rocha. Trata-se de um grupo de pesquisa acadêmica que tem como foco as representações sociais da juventude do Distrito Federal sobre diversos fenômenos sociais. O estudo foi realizado com a juventude inserida em escolas públicas de ensino médio do DF, tendo como objetivo principal apresentar as representações sociais da juventude sobre o ensino religioso. A base teórica é o pensamento de Émile Durkheim e teóricos sobre juventude e sobre o ensino religioso. A pesquisa tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa. Utilizando o método hipotético-dedutivo que consiste em um procedimento que busca no espaço empírico comprovar ou não as hipóteses que norteiam a pesquisa para melhor compreender o fenômeno estudado. A hipótese central é de que a disciplina ensino religioso influencia na formação moral dos jovens, apesar de ter sido ministrada na infância. E como hipótese derivada que o ensino religioso é ministrado como disciplina de uma única religião na realidade escolar do Distrito Federal. Quanto aos instrumentos de pesquisa, foi empregada a técnica de grupo de discussão para entrevistar os jovens matriculados no ensino médio público.

## ABSTRACT

**Keywords:** Social Representation, Youth, Religious Study.

This monography is the sum of a research in the field of education and the course of Pedagogy from Faculdade de Educação. It was developed through the *REJUGES* group (Social Representation, Youth and Education Management) under tutoring of Professor Doctor Maria Zélia Borba Rocha. It is about an academical search group which has its focus on social youth representation in Distrito Federal over several social events. The study was done with teenagers in public high schools in DF and its main goal is show the social representations from youth into the Religious Study area. The theoretical basis is the thought of Émile Durkheim and some other professionals in the field of Youth and Religion. The study has as its methodological approach the quantitative search. Using the hypothetical-deductive method, which consists of seeking for proving or not the hypothesis that guide the search for a better understanding of the phenomenon studied. The main hypothesis is that the course of Religious Study influences the moral structure formation in teenagers, despite being taught in childhood, and as a generated hypothesis, is that Religious Study is taught as a subject of a single religion in public schools in Distrito Federal. About the search tool used it was the technique of group discussion to interview the teenagers enrolled in public high schools.

## SUMÁRIO

### MEMORIAL EDUCATIVO

**MONOGRAFIA: As representações sociais da juventude sobre o ensino religioso.**

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>1. REFERÊNCIAL TEÓRICO - CONCEITUAL .....</b>	<b>3</b>
<b>1.1. Representações sociais .....</b>	<b>3</b>
<b>1.2. Juventude .....</b>	<b>6</b>
<b>1.3. Ensino religioso .....</b>	<b>8</b>
1.3.1. Panorama do ensino religioso no mundo.....	9
1.3.2. Histórico do ensino religioso no Brasil.....	11
1.3.3. A leitura da legislação na região Centro-oeste .....	14
<b>2. CAMINHO METODOLÓGICO .....</b>	<b>17</b>
<b>2.1. Apresentação .....</b>	<b>17</b>
<b>2.2. Objetivos da pesquisa .....</b>	<b>18</b>
<b>2.3. Universo de pesquisa .....</b>	<b>18</b>
<b>2.4. O método de pesquisa .....</b>	<b>18</b>
<b>2.5. Problema da pesquisa .....</b>	<b>18</b>
<b>2.6. Hipóteses da pesquisa .....</b>	<b>19</b>
<b>2.7. Técnicas utilizadas .....</b>	<b>19</b>
<b>2.8. Dinâmica da pesquisa .....</b>	<b>20</b>
<b>3. JUVENTUDE: FALAS SOBRE O ENSINO RELIGIOSO .....</b>	<b>22</b>
<b>3.1. Entrevistas e enquete .....</b>	<b>22</b>
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>29</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	
<b>ANEXO</b>	
<b>PERSPECTIVAS FUTURAS</b>	

## INTRODUÇÃO

Ao longo da história do Brasil, o ensino religioso tem ocupado espaço nas escolas, inicialmente com o caráter de obrigatoriedade. Na atualidade, a partir do art. 33 da Lei de Diretrizes e Bases - nº 9.394/96 - o ensino religioso ganhou lugar de destaque em meio às discussões quanto à compreensão de sua natureza e o seu papel na escola, como disciplina do currículo. A orientação legal é assegurar que o ensino não seja entendido como o ensino de uma religião, mas uma disciplina que consiga mostrar a antropologia religiosa. Esta pesquisa apresenta as representações sociais da juventude sobre o ensino religioso.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa na área da educação, no curso de pedagogia da Faculdade de Educação, desenvolvida por meio do grupo *Representações Sociais, Juventude e Gestão da Educação* REJUGES, com a coordenação da professora Doutora Maria Zélia Borba Rocha. Trata-se de um grupo de pesquisa acadêmica que tem como foco as representações sociais da juventude do Distrito Federal sobre diversos fenômenos sociais. O interesse em realizar a pesquisa sobre representações sociais da juventude em relação ao tema surge a partir dos estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa REJUGES da Universidade de Brasília e do fato de que a pesquisa pode ajudar a compreender a possível relação entre ensino religioso e a juventude.

Essa pesquisa torna-se importante à medida que contribuirá na compreensão das representações sociais da juventude sobre o ensino religioso e os reflexos trazidos por elas na formação moral dos jovens. Atentando-se para a relevância do estudo como produção científica para a área de Representações Sociais e Ensino Religioso já que há escassez de trabalhos desse tipo. Assim, é necessário construir e divulgar informações objetivas e críticas de forma a garantir um conhecimento que conduza à compreensão deste fenômeno.

Para a realização da pesquisa, utilizou-se como técnicas de pesquisas, entrevista e enquete com grupos de discussão em dez escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal. O referencial teórico tem com base o pensamento durkheimiano

sobre as representações sociais e diversos pesquisadores sobre o ensino religioso e a juventude.

A monografia é o desenvolvimento do trabalho final, contendo três capítulos: O primeiro capítulo trata dos três conceitos centrais: representações sociais, juventude e ensino religioso, que fundamentam a pesquisa. O segundo capítulo desenvolve a metodologia usada para realizar a investigação, descrevendo o universo pesquisado, as hipóteses, os métodos e técnicas utilizadas. O terceiro capítulo destina-se a enquete e a descrição e análise das entrevistas.

Por fim, apresentam-se as conclusões do estudo concernente às representações dos jovens sobre o ensino religioso. Como conclusão geral a pesquisa constatou que, para 53% dos jovens entrevistados, o ensino religioso influenciou na formação moral de suas vidas. Constatou-se ainda que a disciplina é ministrada com o ensino de uma única religião, ou seja, não se apresenta o fenômeno religioso, mas elege uma ou outra forma de religiosidade como objeto de aprendizagem escolar.

## CAPÍTULO I

### REFERÊNCIAL TEÓRICO-CONCEITUAL

#### 1.1) Representações sociais

Diariamente nos deparamos com um grande número de situações e informações que buscamos de alguma maneira compreender. Estas interpretações são coletivas, elas se dão nas práticas sociais. Ou seja, a partir da interação entre os sujeitos, os mesmos compartilham significados, transmitem e assimilam conhecimentos, partilham experiências e demonstram seus sentimentos. Mas, de que forma os seres humanos apropriam-se da realidade social?

As relações sociais produzem categorias de pensamentos manifestadas por meio de palavras, sentimentos e comportamentos que vão dar sentido à realidade na qual os sujeitos se encontram. É por intermédio das representações sociais que os indivíduos conseguem compreender o mundo que os cerca. Ainda que os sujeitos de um mesmo grupo social pareçam diferentes quanto as suas personalidades “[...] eles são similares com respeito aos habitus que incorporaram, bem como com respeito aos padrões de linguagem e racionalização que compartilham, isto é, com respeito as suas representações sociais.” (WAGNER, 1994, p. 173).

É de grande variedade os estudos sobre representações sociais, todavia, o conceito de representações, tal como é entendido aqui, foi desenvolvido por Émile Durkheim em seus estudos realizados sobre a religião. Ao analisar as obras desse autor, percebe-se que ele usa o termo representações e representações sociais. Portanto, representações sociais são as mesmas representações coletivas.

Para o autor, analisar metodologicamente as religiões primitivas, permitiria perceber as categorias do pensamento que cercam a nossa vida. Essas categorias construídas com elementos sociais, não seriam desprovidas de objetividade, sendo ainda exteriores e coercitivas sobre o ser humano.

Durkheim coloca-se diante do problema no caso da religião. Trazendo-a como um sistema de cultos dotados de autonomia e variáveis. Tendo sempre presentes, nos fenômenos religiosos: crença e rito. Toda crença, da mais simples a mais complexa, teria então, como caráter comum, a classificação das coisas e, geralmente, para classificar faz-se o uso dos termos sagrado e profano. Essa divisão acontece de acordo com a finalidade de cada religião. Assim, “As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm entre si e com as coisas profanas.” (DURKHEIM, 2008, p. 72). Enquanto os ritos são responsáveis pela organização e manutenção do seu funcionamento. O rito exerce “[...] ação profunda a alma dos fiéis que dele participam.” (DURKHEIM, 2008, p. 430). É nas cerimônias que se restaura o ser moral, pois assim se exerce ação sobre as consciências, tomando o nível mental de cada sujeito.

A religião apresenta coletividade, as pessoas têm em comum a fé e os ritos. E ainda que pareçam individuais, tem uma unidade, o grupo está unido por representarem da mesma maneira as ideias do sagrado e ter como característica comum a igreja, um lugar de encontro e de partilha entre as pessoas. E, portanto, a religião não pode ser percebida como um conjunto de atitudes sem fundamento, sem considerar a influência social.

Para Durkheim, o homem, ao invés de transferir às coisas sua imagem, projeta-se, mesmo sendo um ser específico, a imagem dos outros seres. Ao pensar nas coisas, o ser humano tende a classificá-las, e em seguida nomeá-las. É assim que começam as representações. O sentimento de semelhança desperta a consciência daquele que acredita. Afirma-se que ao lado deste aspecto físico, as forças sociais trazem o caráter moral, isto é, os membros se sentem obrigados moralmente a se comportarem de maneira imposta. Todos os indivíduos que têm o mesmo princípio acreditam e consideram-se moralmente ligados.

[...] As representações coletivas traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam. Para compreender a sociedade se representa a si própria e ao mundo que a rodeia, precisamos considerar a natureza da sociedade e não a dos indivíduos [...] (DURKHEIM 1978, *apud* MINAYO, p. 90).



Acredita-se que se deve respeito à sociedade, isso quer dizer que as representações que ela exprime nas consciências individuais são dotadas de uma força que automaticamente suscita ou inibe atos. É pela via mental que a pressão social exerce sua força eficaz sob a conduta do indivíduo. Portanto, a sociedade utiliza-se de mecanismos psíquicos. Assim, ao mesmo tempo, que é força coletiva, ela está presente como consciência individual. É esta última que pode reforçar a vida social e também provocar abalos nos sentimentos coletivos.

Do ponto de vista sociológico, as representações sociais permitem que o sujeito interprete o mundo, oriente suas ações e comportamentos, reforçando os sentimentos diante da sociedade. Essas expressões coletivas de sentimento, de atitudes surgem ligadas a fatos sociais, construídos ao longo do tempo, os fatos sociais caracterizam-se por apresentar coercitividade, exterioridade e generalidade. É coercitivo, porque é imposto aos indivíduos; exterior, pois é independente dos indivíduos e, por fim, genérico, porque se relaciona com a coletividade, eles existem e podem perpetuar-se para todo o grupo. Assim, para um fenômeno social existe uma representação de um determinado grupo em um tempo e espaço.

O ser humano concebe-se como sujeito a partir dos conceitos criados da vida social. Estes conceitos são as representações sociais, elas “[...] acrescentam àquilo que nossa experiência pessoal não pode nos ensinar tudo o que a coletividade acumulou de sabedoria e de ciência no decorrer dos séculos.” (DURKHEIM, 2008, p. 514). As representações sociais são fundadas no coletivo, são racionais, alojam-se no interior do indivíduo. Não são vistas, mas sentidas com grande intensidade e força.

Portanto, as expressões coletivas da realidade são representações sociais, ou seja, representações nascidas das relações em grupo, que posicionam os indivíduos no mundo, dando significado à realidade. Conceito este que nos ajuda à compreensão das representações que os jovens têm sobre o ensino religioso. Já que as representações sociais são categorias de pensamento que norteiam a nossa posição no mundo e “[...] estruturam o real da mesma forma que os exprimem e seria inútil opor estas àquelas, igualmente reais.” (PERROT, 2007, p. 81).

## **1.2) Juventude**

Da antiguidade a contemporaneidade, em diferentes sociedades, foram tecidas diferentes representações sobre juventude. Ao analisar as juventudes em momentos históricos e espaços culturais, perceber-se que a definição e a delimitação do começo e do final da juventude são determinadas pelo social. Por exemplo, no fascismo italiano, década 1950, do século XX, a juventude foi transformada em agente ideológico do regime e não era definida pela idade e sim pela utilidade ao regime, entendiam a juventude como parcela útil à sociedade. Na Alemanha, também não foi diferente com o regime nazista: o ser jovem significava comportamento que correspondesse aos desejos e ideologia hitlerista.

Na década 80, em cidades camponesas da França, os jovens eram responsáveis por festas camponesas. Em três dias de festa ocorriam missas, bailes, refeições em comuns, namoros, proporcionando a comunhão dos jovens e também marcando a passagem para a vida adulta. As festas eram a maneira de controlar os jovens e ao mesmo tempo usá-los como instrumento de controle social dos próprios jovens.

No século XIX, a juventude operária europeia era associada à “[...] vagabundagem, libertinagem e ao espírito contestador.” (PERROT, 1996, p. 85). Dentro dessa juventude operária existiam subgrupos e diferentes papéis sociais eram atribuídos às mulheres e aos homens jovens da França. E o fim da juventude era marcado pela estabilidade, associada ao casamento.

Nota-se que o conceito de juventude diz respeito mais a uma condição social, a uma representação de uma determinada sociedade, em uma determinada época. Assim, tanto o conceito de juventude quanto as suas condições podem variar em virtude do papel que desempenha dentro da sociedade.

É sabido, que é principalmente nesta fase da vida que acontecem mudanças corporais e psicológicas, ou seja, evidentes transformações biológicas. Por outro lado, é também a juventude um momento marcado pela construção social que varia de acordo com cada época.

[...] Assim, podemos dizer que cada sociedade e cada grupo social lida e representa de maneira diversa esse momento. Essa diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias,

identidades religiosas, valores), de gênero, nas regiões geográficas, dentre outros. É muito diferente, por exemplo, a noção do que é o jovem, de como vivência esta fase e de como é tratado em famílias de classe média ou de camadas populares, em um grande centro urbano ou no meio rural. Nesta perspectiva não podemos enquadrar a juventude em critérios rígidos, como uma etapa com um início e um fim pré-determinados, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta. (DAYRELL, 2005, p. 3)

Ao longo do tempo e de cada sociedade, diferentes definições de juventude foram constituídas. Partindo desta ideia, existe uma multiplicidade do que se entende ser jovem. Por isso, no presente trabalho, pensa-se em juventudes, e não em uma única juventude, com o propósito de perceber sua diversidade de estilos e identidades.

Compreende-se juventude como um momento onde a formação social está em ênfase. Já que é formada a partir do meio social do qual faz parte, isto é, de acordo com os valores, ideias, normas e também da sua interação com os grupos sociais como a família, a escola e os amigos.

É crescente o contexto de análises e pesquisas que falam sobre as condições de vida dos jovens, suas dificuldades, demandas e percepções. Acredita-se ser possível estabelecer relação entre o ensino religioso e a juventude entre 15 e 24 anos, classe média, utilizando a memória destes jovens. Uma juventude: a matriculada nas escolas públicas de ensino médio do Distrito Federal.

A concepção atual de juventude brasileira é delimitada pelo recorte etário de jovens entre 15 a 24 anos de idade. Reconhecendo isto e por questões metodológicas trabalhar-se-á com essa juventude, mas como relatado anteriormente, sem desconsiderar os aspectos sociais e históricos para não reduzi-la à idade. O conceito é importante à medida que possibilitará o entendimento do grupo que será pesquisado e suas ações.

### **1.3) Ensino religioso**

A disciplina ensino religioso, durante anos, tem evidenciado um importante papel na vivência das pessoas, apesar da diversidade que caracteriza o fenômeno religioso. De uma forma ou outra, a religião está presente nas sociedades, influenciando na

forma como os indivíduos veem e reagem ao meio que vivem. A partir, principalmente, da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) nº. 9394/96, no Art. 33 que destaca o ensino religioso como disciplina componente do currículo escolar, as discussões passam a ser mais incorporadas. Como exemplo, sobre como tem sido o ensino de tal disciplina nas escolas, quais os conteúdos a ser ministrados, qual a formação dos docentes dentre outros.

Observando essa questão e considerando que o ensino religioso é constituído por relações sociais fonte das representações e, portanto podem ao longo do tempo ser reforçadas, modificadas ou até anuladas, a pesquisa visa perceber quais são as representações guardadas na memória dos jovens, para isso é preciso ter o passado como referência.

De acordo como pensamento durkheimiano, essas representações não são hereditárias, mas é na vida social que são transmitidas de uma geração a outra, principalmente pela educação.

A educação é ação exercida pelas gerações adultas sobre aquela que ainda não estão maduras para a vida social. Ela tem como objetivo suscitar e desenvolver na criança um certo número de estados físicos, intelectuais e morais exigidos tanto pelo conjunto da sociedade política quanto pelo meio específico ao qual ela está destinada em particular. (DURKHEIM, 2011, p 53)

Com a definição de educação, percebe-se que para a existência da educação, uma ação é exercida através do contato de uma geração de adultos com uma mais jovem. Um dos espaços destinado a promover a educação é a escola.

No Brasil, a escola é uma instituição social laica, onde a oferta da disciplina ensino religioso é obrigatória somente no ensino fundamental. Por isso você deve estar se perguntando como saber o que os jovens pensam desta matéria se já não é oferta obrigatória no ensino médio.

Somos seres históricos, as opiniões e ações podem mudar ao longo do tempo, mas, somos também potencialmente seres sociais, cada geração assimila a partir da socialização e pela herança cultural e social conhecimentos que estão carregados

de representações. Estas últimas é que vão orientar as ações dos sujeitos no cotidiano, dar identidade aos indivíduos e determinar sua formação intelectual, social e moral. As representações são coletivas, podem-se estabelecer novas ou perpetuá-las. Por isso, retorna-se aos pensamentos guardados na memória desses jovens, já que, como seres sociais, também relacionam conhecimentos com a experiência, o que implica representações sociais sobre diferentes fenômenos sociais, no nosso caso, o ensino religioso.

Resgata-se do jovem do ensino médio a memória do período de escolarização no ensino fundamental, através de relatos dos acontecimentos, situações, conhecimentos que reconstitui o passado e podem mostrar as representações sociais que estão preservadas pela memória.

### 1.3.1) Panorama do ensino religioso no mundo

Este subtópico explicita a situação do ensino religioso, na França, Alemanha, Itália, Grã-Bretanha e Estados Unidos, de acordo com artigo: *Ensino Religioso nas escolas públicas: a propósito de um seminário internacional*, apresentado no seminário internacional <sup>1</sup> em Sèevres na França, no ano de 2005.

Na França, apesar da separação entre Igreja e Estado só ter acontecido no ano 1905, o país declarou-se laico em 1882, com isso, escolas francesas foram proibidas de ofertar o ensino religioso, proibiu-se também a presença de qualquer símbolo ou roupa religiosa nos ensinos primários e secundários, bem como batinas, considerados símbolos excessivos. Estabeleceu-se com a lei, o “dia livre” que acontece até hoje. É o dia que pode ser usado para a educação religiosa como a catequese. Atualmente, apesar de institucionalmente o governo não está autorizado a subsidiar entidades religiosas, são usados mecanismos para contribuir com as escolas. Nessas instituições é oferecida a disciplina com possível dispensa. Contudo, os pais, principalmente os muçulmanos são contrários a essa postura.

---

<sup>1</sup> O ano de 2005 marcou o centenário da lei de separação entre a Igreja e Estado, na França. Pela relevância e atualidade do tema em outubro de 2005 a Association Francophone d'Education Comparée (AFEC) e Centre Internationale d'Études Pédagogiques (CIEP) promoveram o seminário Education, Religion, Laïcité, no qual abordaram a questão do ensino religioso em 25 países.

De acordo com Cunha (2006), vê-se que o proselitismo<sup>2</sup> é crescente nas escolas francesas, as atitudes variam muito, mantendo um forte mal-estar diante do que entendem ser ou deva ser a escola laica. No país algumas escolas ministram na disciplina de história o conteúdo sobre as religiões, denominado como fato religioso, “[...] as religiões são, assim, apreendidas como fatos sociais, políticos, culturais, mentais e civilizatórios – históricos, o que quer dizer que são produtos da vida humana em sociedade.” (CUNHA, 2006, s/p.).

Na Alemanha, as escolas públicas oferecem a disciplina de ensino religioso, com dispensa caso exista atividade alternativa. Hoje, a oferta do ensino religioso é separada pelas diversas confissões, mas os debates acontecem com frequência e sem um consenso, alguns estados do país decidiram instituir atividades opcionais à disciplina.

Na Itália, o ensino religioso católico sempre esteve presente nas escolas, mesmo com a Igreja Católica separada do Estado Italiano. A maioria de alunos participa das aulas. Atualmente, cresceu o número de questionamentos e há momentos de tensões culturais com algumas contestações sobre os símbolos católicos presentes nas escolas.

Na Grã-Bretanha, o ensino religioso é obrigatório, está prevista a dispensa, embora sem a oferta de qualquer outra atividade. Nesse país, desde o século XIX, o dirigente máximo é o rei ou rainha, que são também os chefes da igreja Anglicana. As escolas britânicas têm cultos coletivos que são de caráter cristão, na maioria. Apesar de afirmar uma ideologia multicultural, na prática das escolas públicas, identificam-se atitudes que podem ser contestadas essa possível harmonia. “O país faz alarde do “multiculturalismo”, de sua tolerância para com os diferentes, embora a prática o desmintam.” (CUNHA, 2006, s/p.).

---

2 Segundo Diniz (2010) como não há definição para o proselitismo religioso, considera-se que o termo ignora a diversidade, maneiras que causam exclusão social, cultural e religiosa.

Nos Estados Unidos, as escolas tem interdição para ministrar aulas de ensino religioso e professores também são limitados a expressar suas crenças religiosas. No entanto, os alunos tem mais liberdade, podendo usar símbolos e vestimentas religiosas. As escolas são laicas e só sob a forma de história da religião ou como fenômeno cultural é permitido integrar a religião nas escolas.

### 1.3.2) Histórico do ensino religioso no Brasil

Durante todo o período colonial e império, a igreja católica imperou sobre o Brasil. E, portanto, o ensino religioso atendia aos princípios da moral cristã e da doutrina católica.

Na realidade, o ensino religioso no Brasil esteve sempre presente, exceto no ano de 1890, por intermédio do Decreto 119-A que oficializou a separação da Igreja e o Estado e com a Constituição de 1891 que retirou o ensino religioso das escolas públicas por se tornar um Estado laico. Embora, depois de manifestos religiosos, no ano de 1928, o governo de Minas Gerais tenha estabelecido, pela lei nº 1.092/28, que as escolas públicas do seu estado teriam o ensino religioso.

Nas Constituições brasileiras de 1934 e 1937 constava o ensino religioso. Na primeira, o ensino facultativo para os alunos e obrigatório para as escolas e na segunda o ensino religioso era facultativo para ambos. Só nas constituições 1946 e 1967 revela-se a separação da Igreja e o Estado, não mencionando o ensino confessional.

Em meio a esse período, o Brasil publicou duas leis de diretrizes para educação. A primeira, nº 4024/61, que durante sua elaboração teve dois grupos de pressão no que se refere ao ensino religioso. De um lado os que eram a favor da inclusão, formado por organizações religiosas com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). E do outro, os contra, alegando o ensino laico. Apesar das manifestações contrárias conseguiu-se incluir o ensino religioso na LDB.

Em 1988 é promulgada a atual constituição, trazendo o art. 210 que diz o ensino religioso é de matrícula facultativa para o aluno, mas constitui disciplina obrigatória à

escola, no ensino fundamental. Após oito anos, no ano 1996, foi sancionada a Lei de diretrizes e bases nacional para educação básica do Brasil, Lei nº 9394/96, para orientar do sistema educacional, com pressupostos de pluralismo de ideias, respeito à diversidade, pluralidade cultural. Levando em conta o art. 210 mencionado acima, a LDBEN aprovou a inserção do ensino religioso, com a seguinte redação:

Art. 33. O ensino religioso, de matrícula facultativa, constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, sendo oferecido, sem ônus para os cofres públicos, de acordo com as preferências manifestadas pelos alunos ou por seus responsáveis, em caráter:

I – confessional, de acordo com a opção religiosa do aluno ou do seu responsável, ministrado por professores ou orientadores religiosos preparados e credenciados pelas respectivas igrejas ou entidades religiosas; ou

II – interconfessional, resultante de acordo entre as diversas entidades religiosas, que se responsabilizarão pela elaboração do respectivo programa.

Explicando os conceitos utilizados na legislação, ensino confessional é aquele orientado por uma instituição religiosa, “[...] semelhante àquela oferecida pelas comunidades religiosas para formação de membros de um determinado grupo.” (DINIZ, 2010, p. 14). O ensino interconfessional é um possível consenso entre diferentes entidades religiosas para definir formação dos professores, conteúdos das aulas oferecidos nas escolas.

Mas, a nova redação desapontou várias partes interessadas no assunto, com isso novas discussões e estudos foram levantados. A expressão “sem ônus para os cofres públicos” (BRASIL, 1996, art. 33), significa que o Estado não se responsabiliza pelo salário dos professores que fossem ministrar o ensino e este só aconteceria de forma voluntária ou financiada por alguma instituição religiosa.

Entre os descontentes, o Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso, o FONAPER, criado em 1995, com objetivo de ser um lugar de reflexões e debate acerca do ensino religioso. Preocupou-se com garantir o ensino religioso na promulgação da LDB e depois produziu Parâmetros Curriculares Nacionais do ensino religioso em março de 1996, enfatizando que o objetivo do ensino religioso não é o estudo de uma religião, mas o estudo do fenômeno religioso em seus



diferentes aspectos, como sociológicos e históricos. Embora o documento não seja oficial, o FONAPER teve papel importante na trajetória do ensino religioso.

Diante de tantas reivindicações, solicitou-se ao Ministério da Educação, que enviasse projetos de lei para modificar o artigo. Três novas propostas foram enviadas: A primeira do deputado Nelson Marchen (PSDB-RS), considerando que o ensino religioso é componente curricular apenas propunha a retira da parte “sem ônus para os cofres públicos”. A segunda proposta de autoria do deputado Mauricio Requião (PMDB-PR), era para que o ensino religioso,

[...] fosse parte integrante da formação básica do cidadão, com conteúdos que respeitassem a diversidade cultural brasileira, a serem definidos segundo os parâmetros curriculares nacionais, de acordo com as diversas denominações religiosas ou entidades que as representam, além de vedar qualquer forma de doutrinação ou proselitismo. (JUNQUEIRA, 2007, p. 41)

E por último, o projeto de lei do Poder Executivo com a ideia do ensino religioso de caráter ecumênico e a responsabilidade de formação de professores ficaria para as escolas. Os três projetos trouxeram aspectos que não haviam antes sido ressaltados divulgando as ideias quanto ao entendimento do ensino religioso como disciplina. O novo texto foi aprovado e sancionado no ano de 1997, com a seguinte estrutura:

Art. 33: O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.

§ 1º Os sistemas de ensino regulamentarão os procedimentos para a definição dos conteúdos do ensino religioso e estabelecerão as normas para a habilitação e admissão dos professores.

§ 2º Os sistemas de ensino ouvirão entidade civil, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos do ensino religioso.

Focaliza-se o ensino religioso como disciplina escolar, parte das áreas de conhecimento. Deu-se novo caráter ao ensino religioso, o de fenômeno religioso, com a valorização diversidade cultural. Por outro lado, há um vácuo normativo, de formação dos professores, de definição de conteúdos, o que dificulta a avaliação das práticas nas escolas e de cumprimento da norma constitucional, gerando diferentes interpretações sobre a legislação.

### 1.3.3) A leitura da legislação na região Centro-oeste:

Neste subtópico, explica-se a interpretação dos estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e o Distrito Federal que constituem a Região Centro-oeste, com destaque mais a esta última unidade da federação.

#### 1.3.3.1) Goiás

Através da resolução 285, do ano de 2005, o Estado de Goiás estabeleceu a oferta do ensino religioso com alguns acréscimos ao art. 33 da LDB. O art. 1º da resolução complementa que a oferta, além do ensino fundamental, será para ensino médio, incluindo a educação de jovens e adultos. A resolução afirma que o ensino religioso é opcional, possibilitando que alunos se manifestem se querem ou não fazer; e, no caso dos menores de idade, mediante autorização dos responsáveis. Os que optarem por não participar da disciplina, realizarão outras atividades.

Estabelecem-se alguns critérios para organização dos conteúdos, nos primeiros anos de escolarização do ensino fundamental fica como tema transversal, a ser ministrado a partir do sexto ano e nas três séries do ensino médio como disciplina. Quanto à formação dos professores da disciplina, define-se que é preciso ser credenciado pelo conselho interconfessional de ensino religioso.

#### 1.3.3.2) Mato Grosso

No Estado do Mato Grosso, através da Resolução 006 em janeiro de 2000, de acordo com o art. 33 da Lei de diretrizes e bases, de matrícula facultativa e oferta obrigatória. Fica na responsabilidade da Secretária Estadual de Educação e da escola elaborar os eixos norteadores para as aulas de Ensino religioso.

No que se refere aos professores, aceita-se qualquer diplomado com o nível superior (bacharel/licenciado) que tenha interesse em ministrar as aulas da disciplina, não se faz qualquer referência quanto à capacitação específica.

#### 1.3.3.3) Mato Grosso do Sul

Em consonância com o artigo 33, o Estado Mato Grosso do Sul, também oferta o ensino religioso. Com a ressalva de que os conteúdos devem constar na proposta pedagógica da escola, tendo em vista que os conteúdos deverão ser definidos de maneira que consiga a atender, no mínimo, os temas que tratam de História das Religiões, Filosofia, Ética e Cidadania.

Nos anos iniciais do fundamental são admitidos professores que tem ensino médio, no curso normal. Mas como disciplina, os professores devem ter licenciatura plena com formação específica. Quando não houver profissionais com essa exigência, pode-se admitir profissionais de nível superior, que preferencialmente sejam profissionais nas áreas de história, filosofia, pedagogia ou sociologia.

#### 1.3.3.4) Distrito Federal

Em relação ao Ensino religioso no Distrito Federal, segue-se a redação do art. 33. Sem deixar claro quanto aos conteúdos e a formação dos professores, só no ano de 1998, o governador Joaquim Roriz pronunciou que o conteúdo caberia à Secretaria de Educação do Distrito Federal, tendo a colaboração dos professores que ministrarem a disciplina, podendo ser ouvidas por entidades religiosas.

#### 1.3.3.5) Proposta da Secretaria de educação do Distrito Federal (SEEDF) para o ensino religioso do ensino fundamental nos anos iniciais.

A proposta da secretaria de educação aprovada em 2008, com revisão em 2010, ainda vigente, em consonância com o artigo regulamentado pela lei nº. 9. 475/97 reafirmar o ensino religioso como fenômeno religioso que compõe a parte diversificada do currículo, sendo obrigatória a sua oferta pelas escolas e a matrícula facultativa para os alunos e deve ser trabalhado de forma interdisciplinar.

Ressalta a proposta para os anos iniciais do ensino fundamental, que

[...] desenvolvimento do ser humano necessita ser mediado tanto na educação informal quanto na educação formal. E para que isto se ocorra, a instituição educacional, por meio do currículo, deve proporcionar instrumentos que favoreçam a construção do conhecimento nestas duas perspectivas. [...] Sob tal perspectiva, o Ensino Religioso é uma área de conhecimento que contribui para o desenvolvimento integral. Com uma

proposta pedagógica que tenha como objeto de estudo o fenômeno religioso nas suas múltiplas expressões e dimensões, o Ensino Religioso deverá perpassar por todos os componentes curriculares de forma interdisciplinar, relacionando-se com as vivências, experiências e conhecimentos dos estudantes ao trabalho educativo em sala de aula. Para isso, o respeito à diversidade de manifestações religiosas e culturais, precisam ser garantidos nos espaços escolares. (DISTRITO FEDERAL, 2008 p. 159)

Organiza-se o ensino religioso em dois eixos norteadores: o primeiro é trabalhar a percepção do indivíduo na sua família e o meio em que vive e o segundo refere-se a compreensão da existência da diversidade cultural da religião.

Percebe-se que a atual proposta reconhece a importância do ensino religioso, desde que o seu ensino respeite a diversidade da cultura religiosa. São propostos pela secretaria de educação Conteúdos, como: no 1º ano, autopercepção (eu – *ethos*) e a percepção da manifestação do sagrado nas diversas culturas; os rituais: descrição das práticas religiosas significativas, elaboradas pelos diferentes grupos religiosos. No 4º ano: as manifestações religiosas no Distrito Federal. No 5º ano: lugares considerados sagrados no Brasil (templos e igrejas, terreiros, cemitérios indígenas, etc.); o conhecimento dos acontecimentos históricos; as diferentes religiões no Brasil e; conceitos sobre vida e morte nas diversas manifestações religiosas.

## CAPÍTULO 2

### CAMINHO METODOLÓGICO

#### 2.1) Apresentação

Este trabalho é resultado de uma pesquisa na área da educação, no curso de pedagogia da Faculdade de Educação, desenvolvida por meio do grupo *Representações Sociais, Juventude e Gestão da Educação* REJUGES, com a coordenação da professora Doutora Maria Zélia Borba Rocha. Trata-se de um grupo de pesquisa acadêmica que tem como foco as representações sociais da juventude do Distrito Federal sobre diversos fenômenos sociais. O estudo foi realizado com a juventude inserida em escolas públicas de ensino médio desta unidade da federação, tendo como objetivo apresentar as representações sociais da juventude sobre o ensino religioso.

A pesquisa tem como abordagem metodológica a pesquisa qualitativa. A abordagem qualitativa mostra-se apropriada, pois entre uma das suas características está a abertura ao campo social para melhor compreensão do assunto selecionado. Cabe ainda ressaltar que a pesquisa qualitativa não é só relevante para o desenvolvimento de pesquisas científicas, mas “[...] também no processo de ensino/aprendizagem e durante a formação de futuros profissionais que irão atuar no campo da Educação.” (WELLER, 2010, p. 17). Segundo Gatti (2010), na perspectiva qualitativa, nota-se a necessidade de se levar em conta as dimensões sociais, culturais e institucionais.

A fase qualitativa compreendeu a utilização das técnicas de entrevista com grupo de discussão a partir de um roteiro de perguntas previamente elaborado e enquete adequados que ajudaram na construção de uma pesquisa mais substancial de conhecimento do objeto e das ideias acerca do tema. Não se busca estabelecer princípios e sim apresentar as representações sociais dos jovens em relação ao ensino religioso. Enfim, articula-se a abordagem teórica com estudos empíricos, utiliza-se a pesquisa de campo com a realização das entrevistas como suporte na busca da memória e opiniões dos alunos sobre o tema. O interesse em realizar a

pesquisa sobre representações sociais da juventude sobre o ensino religioso surge a partir dos estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa REJUGES da Universidade de Brasília e do fato de que a pesquisa pode ajudar a compreender a possível relação entre ensino religioso e o desenvolvimento do comportamento do jovem.

Essa pesquisa torna-se importante à medida que contribuirá na compreensão das representações sociais da juventude sobre o ensino religioso e os reflexos trazidos por elas na formação moral dos jovens. Atentando-se para a relevância do estudo como produção científica para a área de Representações Sociais e Ensino Religioso já que há escassez de trabalhos desse tipo. Assim, é necessário construir e divulgar informações objetivas e críticas de forma a garantir um conhecimento que conduza à compreensão deste fenômeno.

## **2.2) Objetivos da pesquisa**

- Geral: Apresentar as representações sociais dos jovens do Ensino Médio sobre ensino religioso.
- Específicos: Identificar a relação entre o ensino religioso e formação moral; e analisar a influência do ensino religioso na vida da juventude.

## **2.3) Universo da pesquisa**

Como universo de pesquisa, foram escolhidas dez escolas públicas que oferecem o ensino médio em todo o Distrito Federal durante os 2010 a 2012. As escolas foram selecionadas de forma aleatória e cada instituição disponibilizava uma turma dentre as três séries do ensino médio para a realização das entrevistas.

## **2.4) O método de pesquisa**

Privilegiou-se o método hipotético dedutivo que consiste em um procedimento que busca no espaço empírico comprovar ou não as hipóteses que norteiam a pesquisa para melhor compreender o fenômeno estudado.

## **2.5) Problema da pesquisa**

Quando chegam à juventude, qual representação social construíram do Ensino Religioso, após terem passado pela experiência?

## **2.6) Hipóteses da pesquisa**

As hipóteses são possíveis respostas para o problema pesquisado, que podem ser aceitas ou rejeitadas de acordo com a comprovação empírica. Ou seja, o estudo foi feito a partir da elaboração de ideias formuladas hipoteticamente que podem ser validadas, ou não, na realidade. A hipótese central que orienta essa pesquisa é de que a disciplina ensino religioso influencia na formação moral dos jovens, apesar de ter sido ministrada na infância. Utilizou-se a hipótese derivada de que o ensino religioso é ministrado como disciplina de uma única religião na realidade escolar das escolas públicas do Distrito Federal.

## **2.7) Técnicas utilizadas:**

Quanto aos instrumentos de pesquisa, foram realizadas entrevistas por intermédio da técnica de grupo de discussão e enquete nas escolas públicas de ensino médio situadas nas regiões administrativas de Sobradinho, Brazlândia, Guará, Gama, Plano piloto (Asa Norte e Asa Sul), Recanto das Emas, São Sebastião, Samambaia e Paranoá, sem a identificação dos alunos, totalizando 279 entrevistados.

De acordo com Weller (2010), nos últimos anos, houve um crescente interesse por técnicas de entrevistas grupais no campo da pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais e na Educação. Entre as vantagens da técnica de grupo de discussão estão a possibilidade de diálogos interativos que podem levar a conclusões com alto grau de abstração pelo grupo. Pode-se, observar detalhes sociais, fica-se mais a vontade para falar, desenvolvendo uma conversa que fica perto da realidade. Nos grupos de discussão, o pesquisador tenta intervir o mínimo possível, com objetivo de obter o máximo de dados que possibilitem a análise do contexto estudado. Os sujeitos são vistos como representantes do meio social e vão partilhando suas experiências.

Segundo Bohnsack (2007) *apud* Weller (2010) como um “tópico guia” é importante que os grupos de discussão busquem:

- a) Estabelecer contato que proporcione uma base de confiança mútua;
- b) Dirigir perguntas para o grupo como um todo;
- c) Iniciar a discussão com uma pergunta que estimule a participação;
- d) Permitir que a organização ou ordenação das fala fique à encargo do grupo;
- e) Formular perguntas que gerem narrativas;
- f) Livre escolha quanto à forma do debate;
- g) Intervir somente quando for solicitado.

A enquete sociológica é uma combinação de questionário e entrevista. Utilizada no século XIX na Europa para questões da classe operária, no momento em que os países europeus marcados situação de revoltas da classe. No entanto, é principalmente, nos Estados Unidos a partir da década de 1930 que a técnica de enquete foi desenvolvida.

[...] no contexto da enquete [...] a influência exercida pelas perguntas tem por objetivo tornar que os interlocutores capazes de ultrapassar o plano de resposta estereotipada, ou resposta condicionada pela conformidade [...] à moral dominante [...]. (THIOLLENT, 1982, p. 112).

Para a verificação das hipóteses e obter informações necessárias ao “cortejo” das representações e para que o respondente pudessem melhor expressar seu entendimento, manifestando e descrevendo seus os sentimentos, opiniões e experiências, tornou-se indispensável a utilização da enquete sociológica, enquanto instrumento da pesquisa. Leu-se as questões para os alunos, que iam respondendo, em seguida perguntava-se quais estava de acordo ou não e por que.

## **2.8) Dinâmica de pesquisa**

Foram dez saídas de campo, todas programadas pela professora coordenadora do grupo de pesquisa e organizadas pela representante. Em razão da distância das escolas pesquisadas o desafio com que nos defrontamos foi com a locomoção, mas conseguimos nos organizar ora com veículos particulares, ora com transporte da Universidade, mediante a autorização, disponível para esse tipo de atividade. Foram saídas organizadas, que nos deram oportunidades de maior interação do grupo.



A realização das entrevistas aconteceu da seguinte forma, ao chegarmos à escola selecionada éramos recebidos pelo diretor, vice-diretor ou coordenador da instituição. De início nos mostrava a estrutura física da escola e nos direcionava a turma que disponibilizaram. Em média, éramos oito a dez pesquisadores, nos reuníamos com a turma inteira na escola, no horário estabelecido pela própria instituição de ensino, em uma sala de aula ou outro espaço amplo, tranquilo e público, mas sem a presença de professores, diretores, coordenadores, funcionários ou qualquer outro membro da comunidade escolar. Nossa coordenadora de pesquisa solicitava a ausência do quadro docente da escola para que os alunos ficassem à vontade e conseguissem expressar-se sem qualquer tipo de coibição. Após uma breve apresentação de cada um dos integrantes do grupo de pesquisa, iniciava-se a entrevista. Uma parte dos pesquisadores gravava a entrevista enquanto outra descrevia a conversa, fazia anotações de expressões, comportamentos e situações ocorridas ao longo da entrevista coletiva.

No começo, as perguntas eram mais livres para criar maior entrosamento e confiança entre os pesquisadores e a turma, depois, de acordo com cada objeto selecionado para o diálogo, a professora coordenadora do grupo e eu, como pesquisadora responsável, conduzíamos a conversa, realizando perguntas, dialogando com o grupo. O tempo de realização da atividade demandou de trinta minutos a uma hora. Ao final de cada pesquisa, cada integrante enviava um relatório descrevendo a recepção da escola, a estrutura física da área escolar, quantidade dos alunos, as falas, expressões, reações dos entrevistados para o pesquisador do objeto de estudo. E as gravações das entrevistas foram transcritas por mim e por uma aluna auxiliar de pesquisa do grupo.

## CAPÍTULO 3

### JUVENTUDE: AS FALAS SOBRE ENSINO RELIGIOSO

Este capítulo trata da análise da enquete e das entrevistas realizadas com a juventude do ensino médio no Distrito Federal, com objetivo apresentar suas representações sociais acerca do ensino religioso.

#### 3.1.) As entrevistas e a enquete:

Foram realizadas dez entrevistas grupais em dez escolas públicas do Distrito Federal, todas gravadas. Ao final de cada pesquisa cada integrante do grupo ficou responsável por enviar o relatório com as descrições e anotações e as gravações feitas ao longo da saída de campo. No relatório, relatava-se a estrutura física da escola, recepção da escola, lugar de realização da entrevista, falas e reações dos jovens. As gravações das entrevistas foram feitas e transcritas por mim e pela auxiliar de pesquisa do grupo REJUGES.

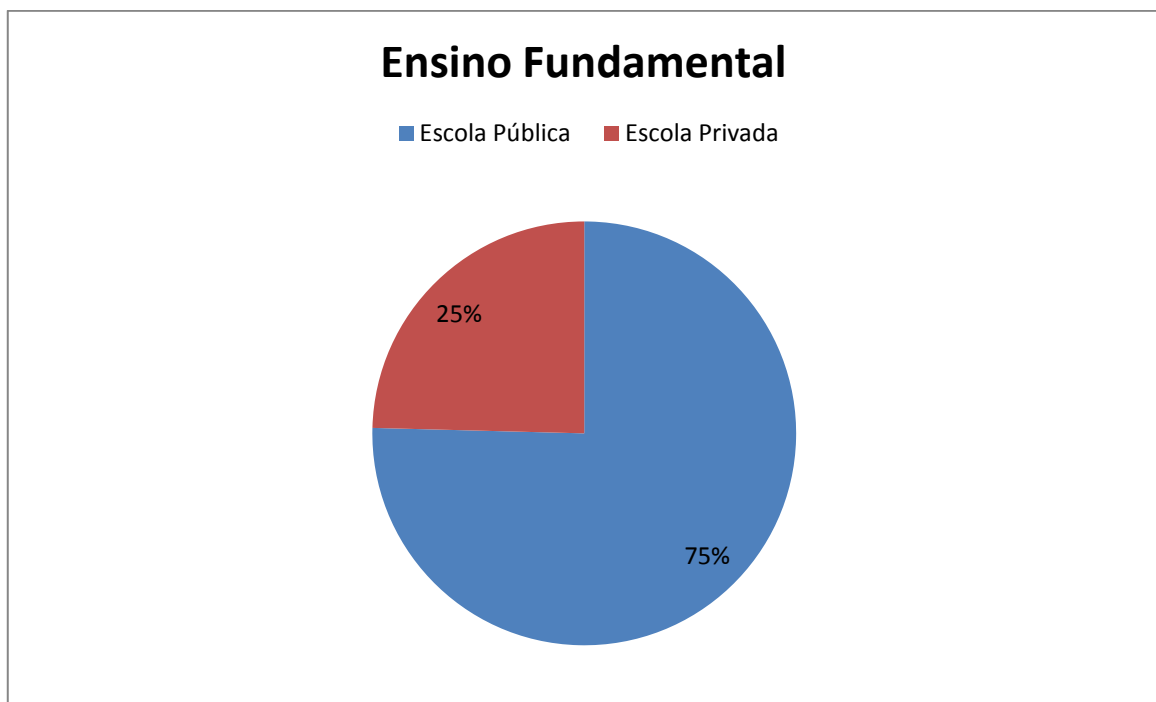
Iniciaram-se as pesquisas com perguntas para conseguir entrosamento do grupo, como a idade da juventude, se todos moravam na região, se gostavam da escola, as respostas foram as mais variadas, responderam ao mesmo tempo: *“Depende da matéria”, “Eu gosto da escola”, “Falta mais profissionalismo”, “a escola é boa”*.

Quando mencionado o temática do grupo de discussão: o ensino religioso, os comentários foram *“xiii”, “eitaaa”, “vai dar confusão”, “vixi maria vai começar a briga”, “arr Maria vai ter briga”*. O tema religioso é sempre difícil de ser tratado e não é diferente entre os jovens, apesar das reações, as conversas muito proveitosas e foram imprescindíveis para este trabalho. Com relação ao objeto de estudo, as entrevistas foram iniciadas com a verificação da quantidade de alunos que durante o ensino fundamental estudaram na escola pública e da quantidade de alunos que estudaram na escola particular.

Em alguns momentos, a entrevista transformava-se em enquete, porque se estabeleceu a contagem quantitativa das opiniões. Ressalta-se que a pesquisa

sociológica tem objetivos científicos e, portanto é construída de acordo com a teoria e neste trabalho utiliza-se a teoria clássica, pensamento de Durkheim. Portanto, enquete é o tratamento dado as questões, “não é propaganda” (THIOLLENT, p. 113), pois não se buscou convencer ou persuadir as pessoas entrevistadas. Foram feitas indagações orais, sem comentários dos pesquisadores e anotou-se as respostas, as contabilizando. Como apresentado a seguir.

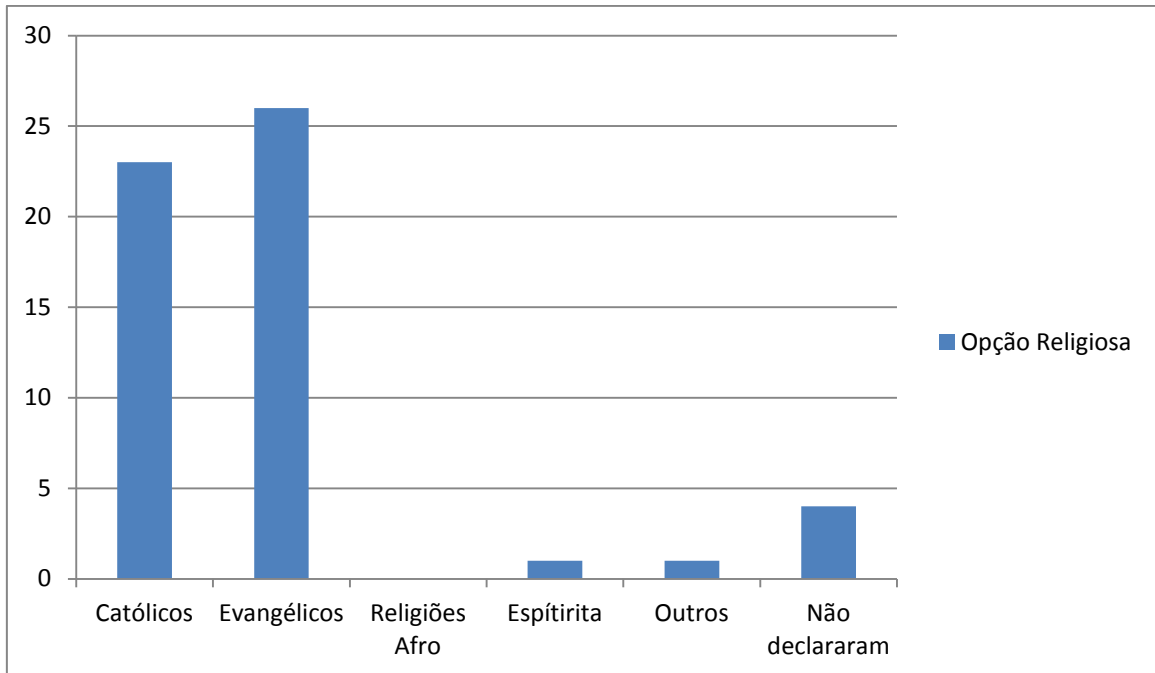
Gráfico 1: “Quem fez o ensino fundamental em escola pública e quem estudou em escola particular?”



Verifica-se que a maior parte dos estudantes estudou durante todo o ensino fundamental em escolas públicas. Desses jovens, 53% tiveram ensino religioso durante o ensino fundamental.

Quando indagados sobre a questão da opção religiosa. Percebe-se que o percentual maior é de jovens evangélicos, posteriormente católicos, espíritas. Apenas um aluno manifestou não ter religião e que não acreditava em Deus, este relatou ser da seita que o mesmo denominou “satanista”, mas preferiu não fazer qualquer explicação.

Gráfico 2: “Qual a sua religião?”



Partiu-se para a seguinte questão: Vocês praticam a religião dos pais? Apenas quatro alunos referem-se a 6% se manifestaram contrários à religião dos pais.

Durante o grupo de discussão, perguntou-se: O que é o ensino religioso? Os jovens relataram *“é o estudo das religiões”, “Pra aprender sobre diferentes religiões”, “é pra conhecer as diferentes religiões”*. Questionou-se *“o que vocês pensam do ensino religioso?”*. As respostas registradas dos jovens que estudaram em escolas públicas: *“Era aula de fazer nada. Era pra descansar!”; “Aulinhas chatas”; “A professora ficava falando de umas alunas prostitutas de uma escola que ela dava aula à noite”; “Os professores falavam de tudo.”* Aproximadamente, 50 % dos jovens responderam: *“como se fosse catequese”, “falava dos princípios do catolicismo”, “Só falava da páscoa, santa ceia”, “abordava só a católica”, “Aprendi a religião católica e eu sou da evangélica”*.

E nas escolas particulares: Uma aluna lembrou-se da Campanha da Fraternidade, coordenada pela freira da escola. Outro aluno identificou que o ensino religioso recebido era de orientação espírita e que não focava na religião, mas em valores morais, dando explicações sobre textos bíblicos.

Embora os comentários negativos quanto às aulas, 53 % dos jovens acham que a disciplina deve continuar no currículo escolar. Dos que acreditam que deve

continuar, declararam que para isto deve ser ensino de todas as religiões e não apenas de uma. Houve comentários também que, principalmente, o ensino fundamental é um período de formação de ideias e o ensino destas é importante para esta formação, e também que é sempre bom ter conhecimento a mais.

Quanto aos comentários dos jovens que acham que a disciplina deve ser retirada do currículo, foi de que os alunos não levam a sério as aulas. Os jovens comentaram “a aula é indiferente”, “só foi ensinado o que já conhecemos”. Um aluno comentou de que “professores têm medo de ensinar sobre as religiões”, que os textos são neutros e as aulas são desanimadas, dizendo também que a religião se aprende na igreja e a escola é para outras áreas, os outros concordam com este comentário.

Conversamos sobre como eram ministradas as aulas de ensino religioso. Dos jovens, 60% responderam serem aulas de ensino de apenas uma religião. Enquanto, os 40% tiveram experiências de aulas que aprenderam sobre outras religiões, contudo geralmente eram as mais tradicionais que já conheciam.

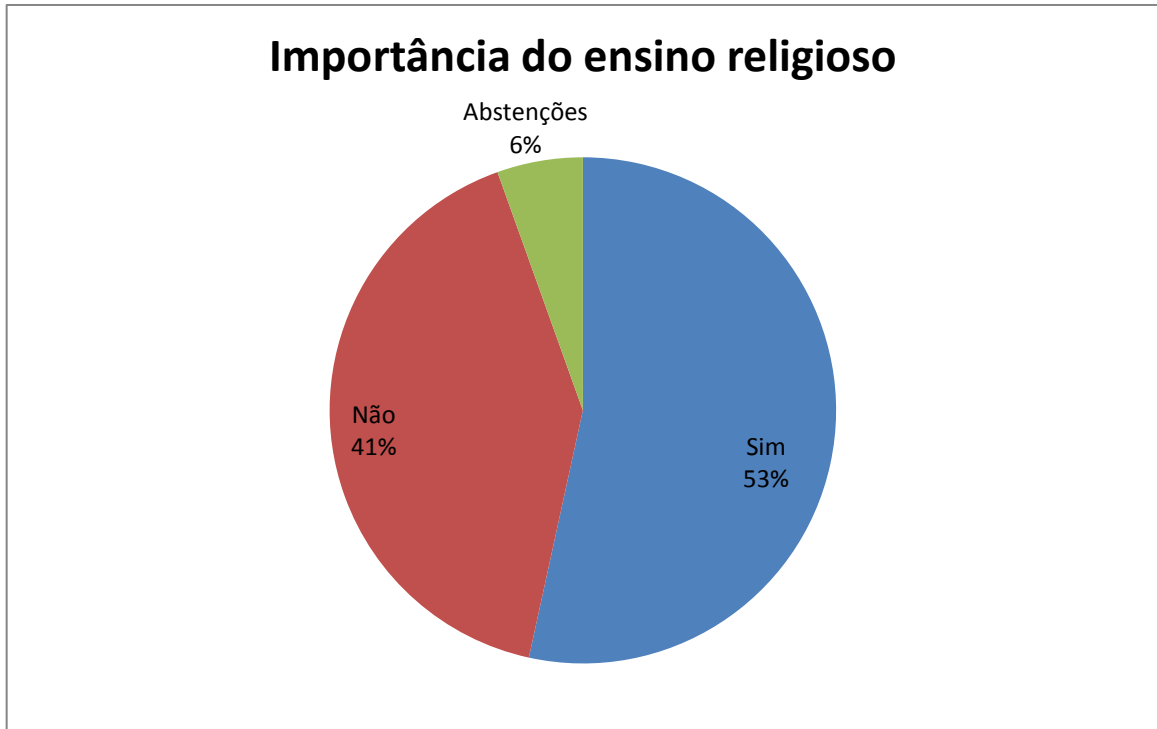
Gráfico 3: “Como as aulas eram ministradas?”



Com base nesta afirmação, percebeu-se um movimento de que as aulas de ensino religioso são ministradas com o ensino de uma única religião. Apesar disso, os jovens reconhecem o ensino religioso como disciplina para o ensino do fenômeno

religioso e para conhecer diferentes concepções religiosas, revelando sua importância. As respostas apontam que, dos alunos entrevistados, 53% acreditam que é importante ter ensino religioso nas escolas.

Gráfico 4: Quanto à importância do ensino religioso.



Sobre razão de sua importância, os jovens respondem: *“Podemos discutir sobre Deus, uma vez que se discute sobre muitos outros assuntos.”*; *“Há a possibilidade de abordar questões que ajudarão na formação do caráter do aluno.”*; *“Quebra de preconceitos ao estudar sobre outras manifestações religiosas.”* *“Há a possibilidade, ainda, de dissociar o catolicismo de outras religiões.”*

Sobre a importância do ensino religioso para os que não cursaram o ensino religioso. Os jovens acreditam que a matéria não fez falta. Um aluno acrescentou que há um grande leque de instituições religiosas que oferecem formação e informação sobre a questão. Outro aluno sugeriu que família e escola dialogassem neste processo. Outra aluna destacou que a orientação religiosa deve ser dada pela família, dos jovens que não fizeram o ensino religioso concordaram com essa opinião.

Quanto ao posicionamento quanto à possibilidade de se ter ensino religioso no Ensino Médio. Das entrevistas realizadas, 50% dos jovens responderam que sim, que gostariam de ter o ensino religioso e que é importante para os jovens continuar com a disciplina também no ensino médio. De acordo com suas falas: *“Como controle social para combater a violência.”*; *“Podia ter ensino religioso, desde que seja uma apresentação de todas as religiões – com apresentação de um quadro comparativo panorâmico – a fim de dar uma visão completa aos alunos.”*; *“Aulas com caráter de bom convívio social: formação de caráter, orientar boas escolhas como não usar drogas”*; *“Mesmo sendo pecadora a pessoa vai buscar praticar o bem”*.

E por fim, conversamos se o ensino religioso interferiu/influenciou ou não na vida desses jovens. Dos alunos entrevistados 53% acreditam que o ensino religioso influencia nas escolhas religiosas e interfere na formação. Enquanto parte restante não acha que foi influenciado pela disciplina de ensino religioso, principalmente em função da falha exercida nas aulas “vagas”, conteúdo privilegiando uma religião ou abordavam algum assunto que já conheciam.

A memória dos alunos revela através das falas e das várias outras expressões metade dos jovens acredita que o ensino religioso é importante. Acreditam que formar moralmente o indivíduo, que a disciplina pode ajudar a orientar suas ações, escolha, moldar o caráter, quebrar preconceitos e possibilitar entendimento sobre o que creem ou o que desconhecem. Pode-se perceber nas falas que o ensino religioso funciona também como uma forma de controle social da sociedade. 50% dos jovens entendem que o ensino religioso pode sim despertar aspectos sobre o meio social, valores, participação e partilha.

Portanto deve-se problematizar o conhecimento, partir de situações, buscando-lhes razões históricas, para melhor compreendê-las, socializar o conhecimento [...] contextualizar o conhecimento, situar o contexto social como ponto essencial para estruturação da matéria. [...] (JUNQUEIRA, 2002, p. 104).

“A religião aparece como uma característica constante dos seres humanos [...]” (JUNQUEIRA, 2002, p. 84). Não é diferente com os jovens. O jovem do ensino médio está carregado de representações sobre ensino religioso. Considerando que o Distrito Federal, assim como todo Brasil, abriga diversidade de crenças religiosas,

existem diferentes concepções de religião dentro de uma mesma instituição escolar. Partindo disso, o ensino religioso seria uma disciplina que poderia possibilitar esclarecimentos sobre essas diferenças, apresentando o fenômeno religioso em seus diferentes aspectos, sem priorizar qualquer religião. Mas, percebe-se pelas falas “*como se fosse catequese*”, “*fala de uma religião só*”, “*abordava só a católica*”, que o ensino ministrado ainda é pautado no ensino de uma única religião, que depende, principalmente, de quem ministra: os professores.



## CONCLUSÃO

O ensino religioso passou por mudanças ao longo dos anos no Brasil. Atualmente é orientado pela lei nº 9.475, de 22 de julho de 1997, sendo entendida como área de conhecimento e componente curricular cujo objeto de estudo é o fenômeno religioso. Assim, o ensino religioso como disciplina do currículo das escolas públicas, deixa aos estados da federação decidir sobre o funcionamento da disciplina, desde que não possa ser proselitista e que as Secretarias de Educação possam ouvir entidades civis, constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos seus respectivos conteúdos.

Segundo Junqueira (2002, p. 28), deve privilegiar "[...] informações no campo sociológico-fenomenológico, tradições e cultura, teologias, textos sagrados orais e escritos, ethos, ritos, onde o professor seja um educador e não um agente religioso.". No conjunto de diálogos que tem sido estabelecidos sobre o papel da educação e da escola como instituição formal, ganha espaço a discussão acerca de que a escola de Ensino Fundamental oportunize aos alunos o acesso ao conhecimento religioso. Contudo, vimos que não se apresenta o fenômeno religioso, mas elege uma ou outra forma de religiosidade como objeto de aprendizagem escolar. *“Como se fosse catequese”, “Fala de uma religião só”,* nas aulas de ensino religioso, relatadas, percebe-se que o acesso ao conhecimento religioso, é reservado aos preceitos de uma ou de outra religião.

Entende-se que a juventude como parte de um processo amplo de constituição de sujeitos, que não se reduz a uma idade, assumindo uma importância em si mesma. Todo esse processo é influenciado pelo meio social no qual se desenvolve e pelas trocas que este possibilita. Portanto não existe um único modo de ser jovem, o que nos leva a enunciar a ideia de *juventudes*, para explicitar a diversidade existente nos modos de ser jovem, por isso preocupa-se quanto ao estabelecimento a favorecer um único modelo religioso, sem observar as significativas diferenças históricas e culturais.

Ao longo da pesquisa, as falas da juventude sobre o ensino religioso: *“Como controle social para combater a violência.”; Aulas com caráter de bom convívio*

*social: formação de caráter, orientar boas escolhas como não usar drogas”* revelam que os jovens alunos acreditam o ensino religioso ajudar a formar moralmente o indivíduo já que a disciplina pode ajudar a orientar suas ações, escolhas, moldar o caráter, quebrar preconceitos. E também funciona como uma forma de controle social, pois seus efeitos institui certos comportamentos, sentimentos e atitudes, despertam aspectos da vida social, valores que não dependem da vontade do indivíduo, ou seja, são sociais.

Na pesquisa houve bastante participação dos alunos e alunas, tendo vários comentários sobre este assunto. Para 53% da juventude de ensino médio do Distrito Federal o ensino religioso influencia a vida dos jovens, suas escolhas, influencia sua formação, enquanto os outros 47% acreditam que a disciplina não influenciou nas suas vidas. Dessa forma, pode-se afirmar que a finalidade do ensino religioso não é a confissão de uma religião, mas a aprendizagem de valores e princípios que favoreça o desenvolvimento moral do educando.

A pesquisa comprovou que o ensino religioso ministrado no ensino fundamental público pode ajudar na formação moral dos jovens entrevistados. E que este ensino não está sido ministrado de forma interdisciplinar e interconfessional como destina a legislação.

## **Perspectivas Futuras**

Busquei viver as riquezas e desafios da Universidade, tive boas experiências e importantes momentos de aprendizado. Dentre os meus planos e desejos que não são poucos, tenho a certeza de que não quero parar de estudar. Desejo dar continuidade à formação acadêmica, quero fazer mestrado, quiçá chegar ao doutorado e ser uma pesquisadora em Educação.

Também, sinto-me ansiosa para exercer minha profissão, já tenho contato desde o início da graduação com a sala de aula e com situações concretas educativas, mas ainda com papel secundário de auxiliar. Agora é o momento da minha ação, espero que consiga agir de forma que possa realmente contribuir para a formação educacional de alguns educandos. Inicialmente pretendo continuar trabalhando com crianças e jovens em uma instituição particular. Enquanto estudo para concursos para a Secretaria de Educação e outros concursos que envolvam o curso da pedagogia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### 1. Artigos e Obras

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2006. 384p.

CARON, Jean-Claude. Os jovens na escola: alunos de colégios e liceus na França e na Europa (fim do séc XVIII – fim do séc XIX). *In: GIOVANNI LEVI, Jean-Claude Schmitt. História dos jovens 2: Tradução Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 07 - 16.

CAVALIERE, Ana Maria. **O mal-estar do ensino religioso nas escolas públicas**. *In: Cadernos de Pesquisa* (v.37, n. 131, p. 303-332, mai./ago.). São Paulo: FGV, 2007.

CRUSOÉ, Nilma Margarida. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação: *In: APRENDER. Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da conquista: edições Uesb, 2004, p. 105 – 114.*

CUNHA, Luiz Antônio. **Ensino Religioso nas escolas públicas**: a propósito de um seminário internacional. Trabalho apresentado no Colóquio Éducation, Religion, Laicité, realizado pela Association Francophone d'Education Comparée (AFEC). Sèvres/França, outubro de 2005.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; GOMES, Nilma Lino. **A juventude no Brasil**. Cidade: Editora 2005

DINIZ, Débora; LIONÇO, Tatiana; CARRIÃO, Vanessa. **Laicidade e ensino religioso no Brasil**. Campo Grande-MS: Letras Livres, 2010. 112p.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 2011 120p.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Paulus, 2008. 535 p.

\_\_\_\_\_. **Educação moral**. Petrópolis: Vozes, 2008. 272p.

\_\_\_\_\_. **Sociologia e filosofia**. São Paulo: Martin Claret, 2009 119p.

FARR, Rob M. Representações Sociais: A teoria e sua história. *In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs). Textos em Representações Sociais*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 31-59.

GATTI, Bernardete; ANDRÉ, Marli. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. *In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. Metodologias da Pesquisa Qualitativa em Educação*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 29 - 38.

GONÇALVES FILHO, Tarcizo. **Ensino Religioso e Formação do ser político**. Petrópolis: Vozes, 126p.

HAGUETE, Teresa Maria Frota. A Entrevista. *In:* \_\_\_\_\_. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3 ed. rev./ampl. Petrópolis-RJ; Vozes, 1992. p. 86-91.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. *In:* GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 149-186.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. **Processo de escolarização do ensino religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002, 160p.

JUNQUEIRA, Sergio Rogério Azevedo; CORREA, Rosa Lydia Texeira; HOLANDA, Ângela Maria Ribeiro. **Ensino religioso: aspectos legal e curricular**. São Paulo: Paulus, Vozes, 2002. 160p.

LORIGA, Sabina. A experiência militar. *In:* GIOVANNI LEVI; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17 - 47.

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto S.; FUMANGA, Mário; TOFFANO, Cláudia; Benevento; SIQUEIRA, Fábio. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa: Linguagem e Método**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. 139 p.

MALVANO, Laura. O Mito da juventude transmitida pela imagem: o fascismo italiano. *In:* GIOVANNI LEVI; SCHMITT Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 259 – 287.

MICHAUD, Eric. “Soldados de uma idéia”: os jovens sob o terceiro reich. *In:* GIOVANNI LEVI; SCHMITT Jean-Claude (Orgs.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 291- 315.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. *In:* GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs). **Textos em Representações Sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 89 - 111.

PASSERINI, Luísa. A juventude, metáfora da mudança social: dois debates sobre os jovens: A Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. *In:* GIOVANNI LEVI; SCHMITT, Jean-Claude (Org.). **História dos jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 17 - 47.

PERROT, Michele. Da oficina a fábrica. *In:* GIOVANNI LEVI; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2: a época contemporânea**. Tradução Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

POUPATY, Jean. A entrevista do tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. *In: \_\_\_\_\_ et alli. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.*** Petrópolis: Vozes, 2008. p. 215-253.

ROMANO, Giovanni. Imagens da juventude na era moderna. *In: GIOVANNI LEVI; SCHMITT, Jean-Claude. **História dos jovens 2:*** Tradução Paulo Neves, Nilson Moulin, Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 07 - 16.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social:** enquete operária. São Paulo: Polis, 1982. 270 p.

VIEGAS, Waldyr. **Fundamentos lógicos da metodologia científica.** Brasília: Edunb, 2007. 239 p.

WAGNER, Wolfgang. Descrição, explicação e método na pesquisa das representações sociais. *In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra. (orgs). **Textos em Representações Sociais.*** Petrópolis:Vozes, 1994. p. 149-186.

WELLER, Wivian. Grupos de discussão: aportes teóricos e metodológicos. *In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicole. **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação.*** Petrópolis: Vozes, 2010. p. 54 - 66.

## 2. Documentos Institucionais

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de estado de educação. Subsecretaria de educação pública. **Currículo da educação básica:** Ensino Fundamental, anos iniciais. Brasília, 2008. 218p.

## 3. Legislações

BRASIL. Constituição da Republica Federativa do Brasil. Brasília, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação e desporto. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

## ANEXO

### Índice de gráficos:

Gráfico 1: “Quem aqui fez o ensino fundamental em escola pública e quem estudou em escola particular?”

Gráfico 2: Qual a sua religião?

Gráfico 3: Como eram ministradas as aulas?

Gráfico 4: Quanto à importância do ensino religioso.

### Roteiro de entrevista



**Universidade de Brasília**

Faculdade de Educação

Docente: Maria Zélia Borba Rocha

Disciplina: Projeto 3 fase III

Aluna: Ellen Silva de Deus

Matrícula: 09/0069951

### Questões:

1. Você tem religião?

Sim:

Não:

2. Se sim, por quê?

3. Quem não tem uma religião? Por quê?

4. Qual a sua religião?

Católica:

Espírita:

Evangélica/ Protestante:

Religião de origem africana:

Espiritualidade:

Outras:

5. Qual a religião dos seus pais?

6. Você pratica a religião dos seus pais?

7. Se sim, por quê?
8. Quem não pratica a religião dos pais? Por quê?
9. O que é o ensino religioso para você?
10. Quem aqui fez a disciplina ensino religioso no ensino fundamental? Por quê?  
Sim:  
Não:
11. O que você achou?
12. Como eram ministradas essas aulas?
13. Você acha que a disciplina ensino religioso deve existir no currículo escolar?
14. O ensino religioso teve a importância na sua vida?
15. Se sim, qual e por que?
16. Se não teve importância, por quê?
17. Você gostaria de ter ensino religioso agora no ensino médio?
18. Sim? Por quê?
19. Não? Por quê?
20. Em que o ensino religioso interferiu/influenciou na sua vida?